

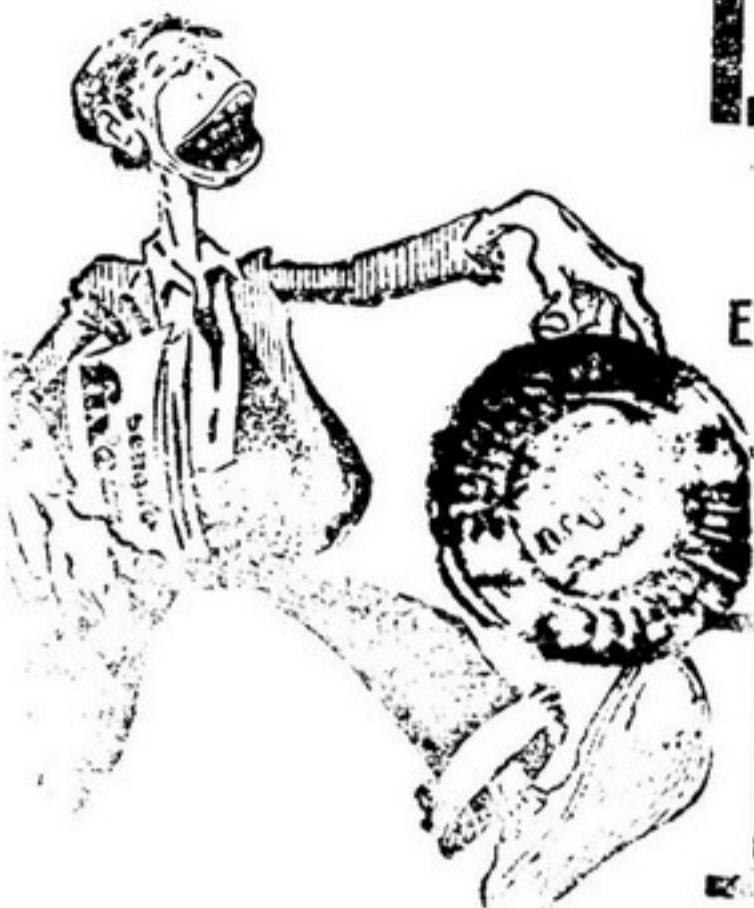
QUARTA-FEIRA
Lisboa-- 13 de Agosto--de 1930

5^o ANO
5^o ANO
TIJÓES

5.^o ANO

Este numero foi visado pela Comissão de Censura

221



sempre
PIXO 
**sendo
mimosos**

Propriedade
ENASCENÇA GRÁFICA
S. A. R. L.
RUA AUGUSTO D. 42

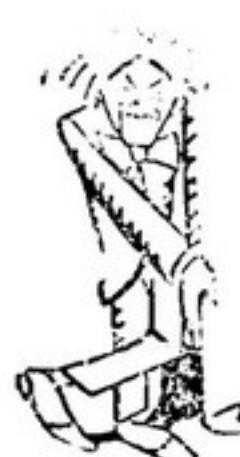
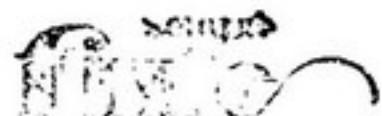
DIRECTOR E EDITOR
PEDRO BORDALLO

ADMINISTRAÇÃO
REDACÇÃO E OFICINAS
TEL. T. 102, 103, 104
RUA DA ROSA, 1

A' MARGEM



Comparado com Gago Coutinho, o dr. Eckener não passa de um «Zeppelin». Serve-se do sextante do glorioso almirante... «não conhece» o seu autor!! Nós é que ficamos conhecendo quem come a isca e defeca no anzol.



Os ditos da semana



Lúina de Oliveira

Militar distinto, foi nomeado director das Cadeias Civis. A sua proxima tragedia desenrolar-se-ha no historico Palacio do Conde de Andeiro

Mayer Gareão — Já o ultimo numero do Sempre Fine estava fechado, quando se deu o falecimento do grande jornalista republicano Mayer Gareão.

Por esse motivo não pudemos prestar-lhe aqui a merecida homenagem.

Registando o tacto com um parentesis doloroso, nesta pagina que tenta sempre ser alegre, compungidamente o fazemos, certos de que Mayer Gareão foi um dos poucos homens cuja bondade e cujos méritos se reconhecem do mesmo modo tanto em vida quanto na morte.

As Varinhas — Finalmente juntaram as varinhas. Nos mesmo nunca puderam compreender a razão porque se declarava guerra ao extermínio a uma classe que põe nas ruas uma nota alegria sã, no ar um pouco do perfume da sardinha e, nos nossos ouvidos, o grito estridente de certas palavras tão portuguesas da costa como a vivinha da costa que elas apregoam mas que não veem nos dicionários, em homenagem às formulas da moral e dos bons costumes.

Acabar com as varinhas seria um crime de lesa Lisboa, seria o mesmo que deitar abaixo o Arco da Rua Augusta, arrazar o Jardim da Estrela, rasgar outro lago no Parque Eduardo VII, derrubar as árvores da Avenida, matar as pombas do Rocio, ou impedir que os pardais do Chião estejam sempre de olho aberto para castigar os brutamontes que passam além da Taprobana sem tirar o chapéu ao epicó.

As varinhas fazem parte de Lisboa. Acabar com elas era mutilar a cidade. E não havia fundamento que o determinasse. Porque vêm de o peixe podre?

Mas então era porventura justo que sendo podre o peixe, não se acabasse com o peixe podre e se acabasse com as varinhas? Pois se é podre o peixe, acabe-se com ele, mas conservem-se as varinhas, não para fazer varinhas de conserva, mas para termos sempre varinha fresca, vivinha da costa, que a gente muitas vezes come mais com os olhos do que com a boca.



O capitaz O dr. Eckner, capitaz do Zeppelin

que Lisboa já conhece de vista, dirigiu alguns improprios ao sabio almirante Gago Coutinho, no Brasil, sem se lembrar de que levava a bordo o sextante do nosso herói navegador de ares e que com esse sextante se orientou para chegar a terras de Santa Cruz.

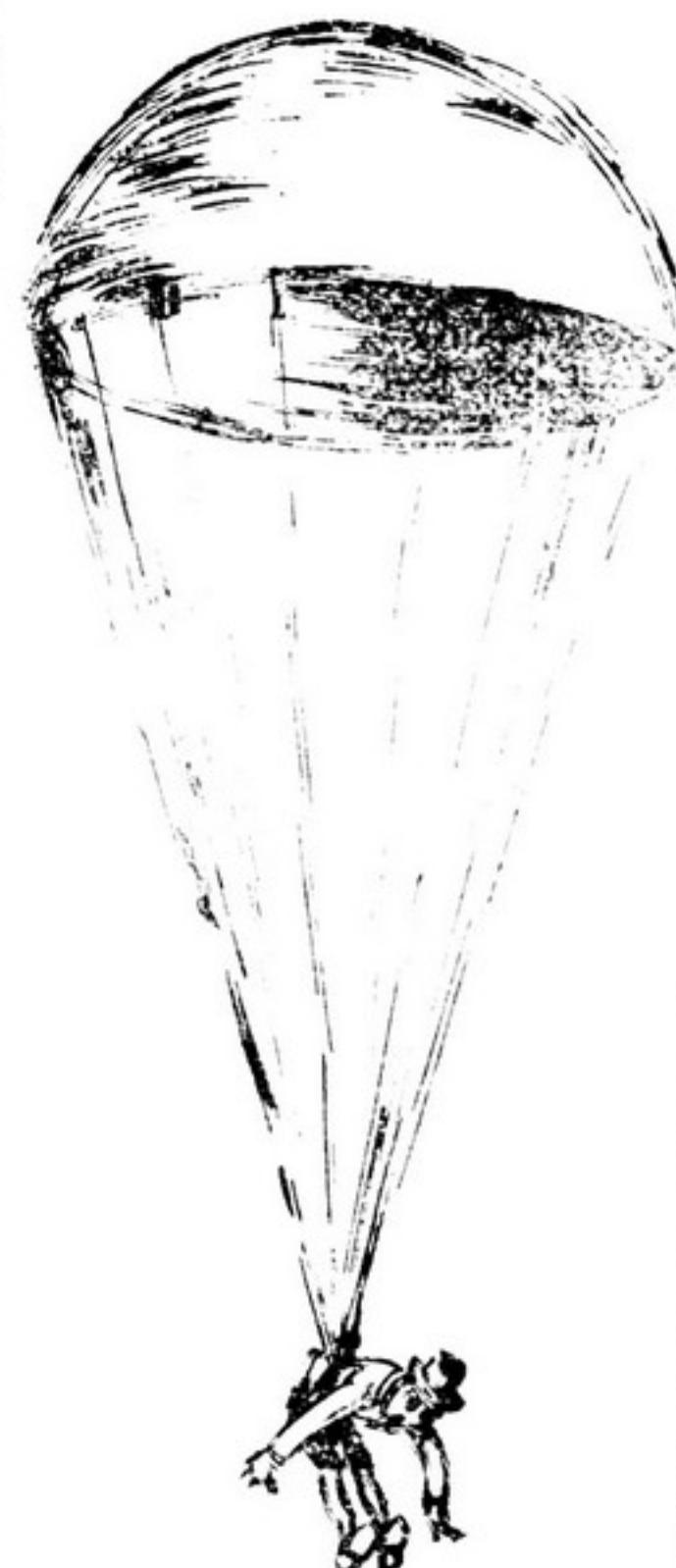
Sem ele e apenas como o seu, dirigível, o dr. Eckner teria ido para ao ar e, talvez até, pelos ares, sem saber onde estava, nem de que terra era. Se chegou ao Brasil foi pela mão de Gago Coutinho — o inventor — que lhe dizia:

— Por aqui é que é o caminho.

A diferença que há entre os dois é que Gago Coutinho descobriu os aparelhos e o dr. Eckner ultra com eles ao ar,

fórmula de charato que navegam entre duas águas.

E já estamos daqui a ver a cara do Creador, quando tiver conhecimento da falsificação. Nessa altura estaremos vingados, porque ele também nunca se importou que nos falsificassem os vinhos do Porto e da Madeira.



Mar artifício — Não é raro haver pessoas que querem ter um porto de mar em casa que o parcer e para esse efeito projecta e construir a maior piscina do mundo, com muitas ondas que agitam as águas, e com tudo que seja necessário para dar a ilusão perfeita de que de mar se trata.

Milão há de ver que a obra lhe vai custar mais dum milhão. Mas se assim quiser assim o terá.

Parece, porém, que os milanezes se esqueceram de certos pormenores indispensáveis para que a piscina pareça um verdadeiro mar. Daqui lhes enviamos alguns avítes e não levamos nada por eles. No mar não há ondas, há também carapau e há também tubarões. É conveniente não esquecer especialmente os últimos que são dos que tem mais coitado. Convém igualmente que o fundo da piscina seja construído em declive, de modo que se torne fácil perder o pé e morrer afogado de contrário toda a gente se irá para mar onde não há sinistros e a piscina passará a ser um mar de trazer por casa.

Na notícia que temos presente não se fala de que a piscina venha a ter uma praia de areia, mas deve ser lapso do jornalista que a redigiu, porque, segundo se depreende, areia é coisa que não falta em Milão.

E, havendo uma praia, não faltará por certo o Judas de que fala uma celebre fraze feita, para que ás águas da piscina não falte também a obra de Judas desempenhando o papel de submarinos que são aqueles navios em



O paraquedista :

— Deus queira que tenha a medida do pipo do meu irrigador.

Prosa de Cha-Velho

Uma pagina inteira gasta o bondoso amigo Carlos de Abreu para responder, com a sua proverbial amabilidade, a um inofensivo *sugestão* desta secção do *Sempre Fixo*.

Na sua bem intencionada resposta começa Carlos de Abreu por escrever que eu, amigo de há mais de vinte anos...

E' este, um favor que eu não sei como pagar, porque, em boa verdade, já tenho bastante mais anos do que os vinte que me são atribuídos. Mas, para que o velho amigo, menos calvo que eu e não muito mais velho, não repita que me apetece voltar o bico ao prego, aqui lhe declaro que só para fazer *gracinha* assim interpreto as suas frases.

Mas, agora a sério, diz o nosso bom amigo, citando castas que só têm sangue da terra, que o sr. Norberto Pedroso ainda não quis introduzir sangue espartilhado na raça que possue.

E eu a julgar que é só a referida ganaderia que é a pertencer a este senhor já levava sangue de Saltillo, como parte da de Infante da Carabala.

E diz ainda que a dos srs. Roberto & Roberto ainda conserva o antigo sangue de há mais de 50 anos...

Mas, meu querido amigo, aqui é que é a o erro! Há mais de 50 anos! Que *antigo* deve estar o antigo sangue!

E quanto ao sr. Francisco da Silva Vazterro, que há mais duma centena de anos teve touros pequenos mas inconfundíveis — não digo bravos — jaz agora na mais lamentável degenerescência.

E porquê? Por isso precisamente que o amigo aponta como qualidades, por ser muito antigo e só ter sangue da terra.

O que é preciso é selecionar por meio de *tentes*, eliminando as rãmas degeneradas e aproveitando as outras.

E, se preciso for, renovar, cruzar com sementes de bom sangue que se lanceem às vacas de melhor nata.

Se assim poderemos ter touros mais bravos, porque um ou outro *bezerinho* que por si surge não significa existência de touros bravos mas apenas casos de atavismo em ganaderias que foram bravas.

Mas, deixando os touros pelos toureiros, aqui remato o amável incidente, declarando concordar, absolutamente, com o meu amigo quando ele se refere à falta de conhecimentos da matéria dos nossos lidadores, e tanto de pé como de cavalo.

Nas corridas que eu directamente organizei, nunca é que os bons touros são indispensáveis num cartaz que pretende ser bom. E, assim, além de toures de Infante da Cimara, fiz o sacrifício de adquirir exemplares das ganaderias associadas de Alves do Rio e Netto Rebelo, e de importar, através de tudo, outros do Duque de Veragua e de D. António Flóres.

Nos meus cartazes, nunca me servi de adjetivos e quanto a publicidade dos jornais, apesar de muita gente julgá-la o contrario, usei dum processo de que me não arrependo.

E de tudo isto, que bom é não esquecer, nos tempos que correm, estou bem contente e orgulhoso...

PEREZ LA CHAISE.

TEATRO A VIDA DO PINTO

RETROZ PRETO

INICIOU a sua *tournée*, pelas praias, a Companhia Maria Matos-Mendonça de Carvalho.

O quê... em *muito*?

■ ■ ■

AIRES da Costa leu ao Rosa Mateus a sua revista *Palavra de Honra*...

Como não se trata dum tecnico é capaz de ser boa!

Palavra de honra que temos fôrnelas!

■ ■ ■

NAO dizemos nós que o Carlos Leal, engolido, separadamente, por José Clímaco e José Loureiro, para ir ao Brasil, podia muito bem ser que fosse substituído por um terceiro!

Pois é o que sucede!

Uma empresa teatral do Br. B., por intermédio de Genes da Silva, acaba de lhe dirigir um e-mail.

Mas o Leal ainda não vai desfilar!

■ ■ ■

DIZ-SE que o José Clímaco, antes de seguir para o Brasil, com uma paragem no Porto, vai trabalhar no coliseu dos Reis, com uma Companhia.

Sera' para lutar contra os seus inimigos?

■ ■ ■

SUBIU à cena no Variedades, o *Caramelo*.

Houve outcry desse o caramelo por elas!

As coisas boas são sempre assim...

■ ■ ■

A ACTRIZ Zulmira Miranda, afinal, sempre gesta mais de teatro do que de cinema.

Parabéns. E das nossas...

■ ■ ■

SERA' verdade que o scenografo Eduardo Reis pensa em entrar para o teatro?

Ca' ficamos à espera da scenografia...

■ ■ ■

A SALADA de Alfage terminou a sua carreira.

Sempre as girls a comeram muito depressa...

■ ■ ■

CHOVEM revistas em todos os teatros! E' um verda feiro diluvio!

■ ■ ■

NO inverno subiu a serra, no Apolo, a revista *Repetição*.

Pedimos aos autores que túnem cuidado! São os mesmos que os militares...

Peor do que uma inundação!

Agora já os empreendedores, que antes se queixavam da crise do genero, tem 'cor' onde escoller mesmo que elas durem apenas 15 dias!

■ ■ ■

AQUILO dos *Criminosos* tem que se lhe diga. Nunca pensamos que a Palmira tivesse tão maus figados e que Alves da Cunha esse tan novinho. A peça é em cheio e está sempre cheia de público, que retira apreensivo e com remédios, dizendo:

— Já não é possível ser honesto nesta terra!

Portanto que a peça é adaptada ao público...

■ ■ ■

O S. L. Monteiro, que se acha ela para o Av. Ribeira, vai ser estrelado em parceria do misterioso Pedro da Mota e Madalena.

Quem será, a mim?

■ ■ ■

VAI a Arganil a "Companhia Haze de Luz".

Dizem-nos sinceramente que fazem actos, mas que não se sentem que triste por isso.

Perdiamos o Nascimento e não se arranjou, va facilmente outra para dar luz de palco.

E levavam também sen. a *hortense*, que é uma flor maravilhosa.

■ ■ ■

TÍTULO de uma peça dum nosso camarada do Porto, para ser interpretada pelo sr. António Rey Colaço:

«O Peccado de Maria Madalena». Não será um arrependimento?

■ ■ ■

A COMPANHIA Lima Demózel está em Lourenço Marques agradando e ganhando alheiros.

Ate pensa empear por lá.

Se todos as artistas seguem o exemplo de Lima Demózel a ver... estrelas...

■ ■ ■

NO inverno subiu a serra, no Apolo, a revista *Repetição*.

Pedimos aos autores que túnem cuidado! São os mesmos que os militares...

O HOMEM DE TODAS AS HORAS.

CACHAROLETE

A água

No incendio que houve há dias num hotel desta cidade, houve sustos, correrias, e estragos em quantidade.

E disseram as notícias, numa toada de magia, que os bombeiros e os policias lutaram co'a falta de agua.

Já não é a vez primeira que sucede, nesta vida, estar apontada a mangueira, sem que a agua se decida...

Mas, segundo o que se ouve, ha males que são precisos... Pois foi a agua que houve que fez maiores prejuizos.

E, neste caso, eu diria, que, se a agua não faltava, o hotel não arderia, mas... era um ar que lhe dava...

Preço de assinatura

Continente e ilhas... { Ano: 26\$00
Semestre: 13\$00
Trimestre: 6\$50

Coloniais portuguesas... { Semestre: 15\$00
Ano: 30\$00

Estrangeiro..... { Ano: 34\$00

Calixtices...

Eu nunca vi, nem creio que tu visses
uma rapariga
tão cheia de calixtices
como aquela minha amiga...

Se falavam num bicho que eu não digo,
porque te arrebia,
dos cabelos ao umbigo,
toda ela tremia...

Se via um gato preto, um cão feipudo,
fazia-lhes figas,
e ia contar tudo
a todas as amigas.

Ora uma vez, estando de visita
a casa do Pinheiro,
entornou o assucar, e, afilita,
gritou que era «dinheiro»...

Ao que o dono acudiu, todo lampeiro,
e com cara de fúia:
— Sim, talvez seja dinheiro...
mas é... delgado à rua!

O HOMEM DOS TIMBALES.



Quer a sorte grande?
Habilite-se na tabacaria MADRID
Rua do Mundo, 115

Elevador da Glória

O elevador é o repórter que chega tarde!

Ah, de subir o pano! Faça o favor de entrar sem ruído!

O pôr! Já é tarde de dormir!

* * *

Venho da Policia, onde fui encarregado de dizer que achei enterrado na Avenida.

— Muito bem! É um homem bonitão!

— Lá isso sou! Porque não vais tu reclamá-lo, para os evidências entrem aqui?

* * *

O jardineiro... De amanhã em diante tem que tomar um banho todos os dias!

O doutor... Tudo es dia? Não é pra falar de coisas que só a gente pode ouvir...

* * *

— Eu também fui vítima de um erro judicial!

— Quando?

— Quando me absolveram...

* * *

— Olhe, fui eu que fiz aquela maldade com o meu vizinho! Mas fui eu que fiz! Aquela é a minha culpa!

* * *



— V. Ex. querer ter a gentileza de deixar que eu a acompanhe?

— Muito obrigado pela sua amabilidade, mas eu só toco a soie.

O GRANDE PRAZER DA PARADE DO RISCO

— Olhe, fui eu que fiz aquela maldade com o meu vizinho! Mas fui eu que fiz! Aquela é a minha culpa!

* * *

— Olhe, fui eu que fiz aquela maldade com o meu vizinho! Mas fui eu que fiz! Aquela é a minha culpa!

* * *

— Olhe, fui eu que fiz aquela maldade com o meu vizinho! Mas fui eu que fiz! Aquela é a minha culpa!

* * *

— Olhe, fui eu que fiz aquela maldade com o meu vizinho! Mas fui eu que fiz! Aquela é a minha culpa!

* * *

— Olhe, fui eu que fiz aquela maldade com o meu vizinho! Mas fui eu que fiz! Aquela é a minha culpa!

* * *

— Olhe, fui eu que fiz aquela maldade com o meu vizinho! Mas fui eu que fiz! Aquela é a minha culpa!

* * *

— Olhe, fui eu que fiz aquela maldade com o meu vizinho! Mas fui eu que fiz! Aquela é a minha culpa!

* * *

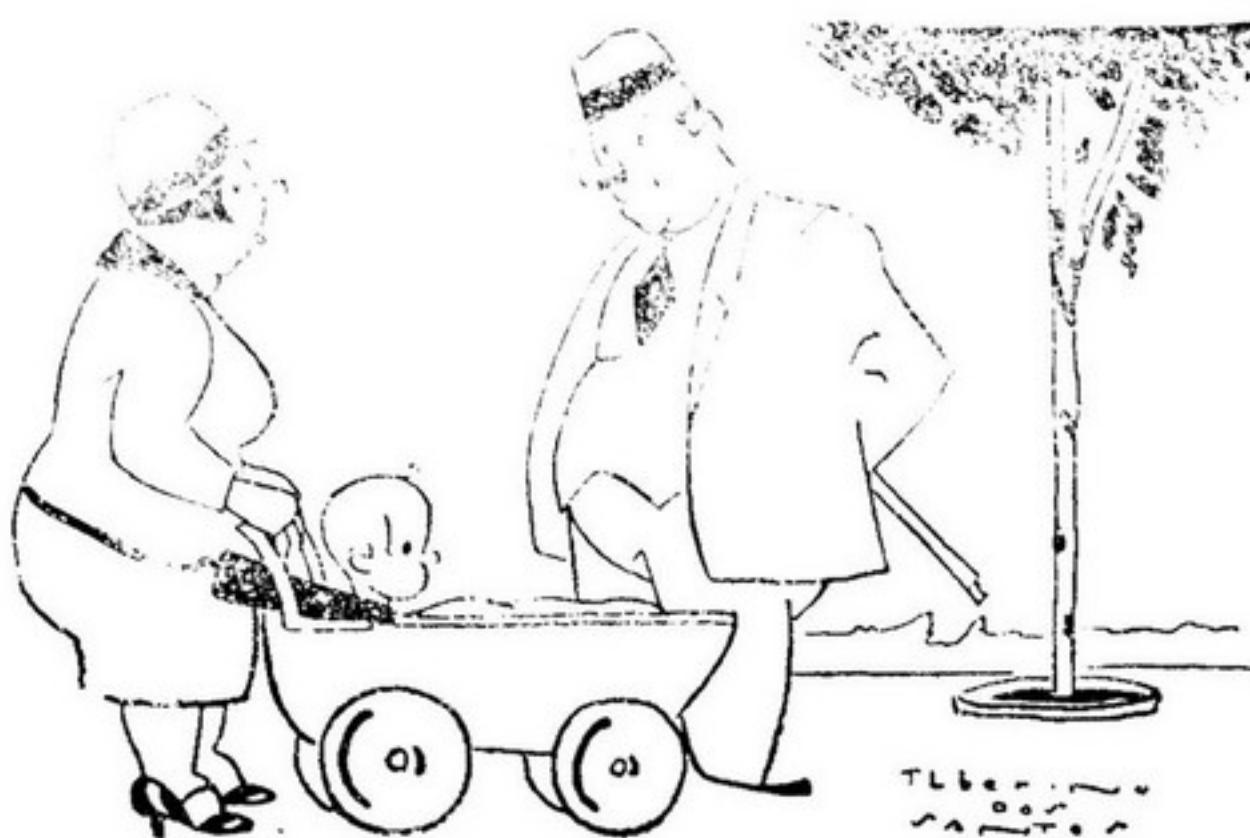
— Olhe, fui eu que fiz aquela maldade com o meu vizinho! Mas fui eu que fiz! Aquela é a minha culpa!

* * *

— Que menino tão bonito! Que idade tem?

— Quatro meses!

— E' o mais novinho?



Grande círculos

CUMULO DA VELOCIDADE — Lançar-se no Porto, descer-se em Lisboa e ir comer a Segovia.

NOTA — Este cumulo só foi possível realizar-lo com os progressos feitos nos últimos anos pela aviação. Anteriormente, o grande da velocidade era, como todos sabem, andar a roda dum avião com tal rapidez que o avião se encontrasse com o portador. Isto, porém, era um cumulo puramente teórico, no passo que o avião moderno, que atualmente é absolutamente realizable. Não é forçoso, bem entendido, que do Porto se vá comer a Segovia; pode-se ir comer a qualquer outro lado, sempre pelo mesmo processo.

CUMULO DA PENETRACAO — Atravessar a Parede, sem parar, para entrar em casa.

NOTA — Este cumulo também não é teórico. Realizam-no todos as pessoas que moram na linha do Esteril, para além da Parede, e tomam lugar em qualquer dos tremos rápidos que partem aos 20 minutos depois de cada hora. Como estes comboios não param na Parede, os habitantes do Esteril, para entrarem em casa, têm facilmente que atravessar a Gta Parede.

CUMULO DA INOCENCIA — Estar sozinho e ser achado na horita do bicho, e não ter nem coragem de confessar de ferro, e nem de dizer que é só que é um gato.

NOTA — Este cumulo também não é teórico. Realizam-no todos os gatos que vivem no interior das casas, e que só saem à noite, quando os donos já estão dormidos.

— Ah, que gato lindo! — disse o Bispo ao ver o seu primo. — Que gato lindo! — disse o Bispo ao ver o seu primo.

— Ah, que gato lindo! — disse o Bispo ao ver o seu primo. — Que gato lindo! — disse o Bispo ao ver o seu primo.

— Ah, que gato lindo! — disse o Bispo ao ver o seu primo. — Que gato lindo! — disse o Bispo ao ver o seu primo.

— Ah, que gato lindo! — disse o Bispo ao ver o seu primo. — Que gato lindo! — disse o Bispo ao ver o seu primo.

— Ah, que gato lindo! — disse o Bispo ao ver o seu primo. — Que gato lindo! — disse o Bispo ao ver o seu primo.

— Ah, que gato lindo! — disse o Bispo ao ver o seu primo. — Que gato lindo! — disse o Bispo ao ver o seu primo.

— Ah, que gato lindo! — disse o Bispo ao ver o seu primo. — Que gato lindo! — disse o Bispo ao ver o seu primo.

— Ah, que gato lindo! — disse o Bispo ao ver o seu primo. — Que gato lindo! — disse o Bispo ao ver o seu primo.

— Ah, que gato lindo! — disse o Bispo ao ver o seu primo. — Que gato lindo! — disse o Bispo ao ver o seu primo.

— Ah, que gato lindo! — disse o Bispo ao ver o seu primo. — Que gato lindo! — disse o Bispo ao ver o seu primo.



Ele — E' delicioso dançar com você...

Ela — E' a mesma coisa que dançar com a mamã.

Ele — Com uma diferença: é que, quando danço com ela, sinto ganas de a atrair ao mar...

Z. M.

Montra-visão

Sonha outro dia, serumbade, meditar na vida triste, quando foi inte rompido nas minhas costelas por uma voz que me chamarde:

— O' Miguel...
Vetei-me e deparei com um sujeito risonho que me estendia es-

— O' Miguel, não me conheces?... Miguel a vista e reconheci en-

— ...a Januário, o velho Januário que tinha sempre uma gaiola para os numismatas difi-

— ...lhes. Era ele, inteiro, de corpo e

— ...alma conservado, paracendo esquecer as dificuldades que

— ...tem per este vale de lágrimas.

Curvava-se, riscava as famas

— ...crueldades, contagiava a minha vida

— ...triste e o Januário, pondo-me

— ...uma mão no ombro, disse-me:

Fui tenho pena de veres; de

vês que parecem esmagados pelo

— ...dum fardo colosso! que trans-

formasse ás costas. Vedes, sobretudo,

são infelizes porque são re-

— ...tardados.

Só sei tempos modernos, habita-

— ...remos ás novas usos, não se im-

possibilitarem com o ambiente

— ...até depois. Estou desempres-

— ...ado. Como sabes, vivo em casa de

— ...uma tia, que temia em lidiar

— ...com o bem fundo e céltuns funi-

— ...mhos de morte. Tinha a

— ...costume de se meter em al-

— ...tos todos os que podiam ter

— ...a vida arruinada, e de vez em

— ...quando se achava em apena-



— O'! homenz! Não atravesses agora porque vai passar o

comboio.

— Não faz mal. Se fosse um automóvel era mais pe-

rigoso.



— ...curtação da sua memória!

— ...é que é de costume dizerem-nos que os festejos são a

— ...festa do povo. E que o povo é sempre o povo, é de

— ...ver. Mas os costumes mudam, e a festa do povo

— ...também. É que é de costume dizerem-nos que a festa

— ...do povo é a festa do povo, e que o povo é sempre o povo, é de

— ...ver.

LA GAIOLA DA PENA.



O florista:

— Então a senhora acha que são pequenas estas flores? Pois daqui a poucos dias, treparam tanto que até tem que lhes fazer uma «trepanação»...

Fraca dos ouvidos

O seu maior bicho, António, é o vinho!

— Mas não é o que devia amar o seu, o infantil?

S.ºº! António, meu velho! Louca!

* * *

— Papai, as mulheres vivem tempo do que os homens?

— Sim, somente os homens.

* * *

A possessora. Se quiser, vai viver uma semana!

O elogio. — Está bem! Ficarei o meu pai em particular.

Entre mimos:

— Sim, lembre-se que a deles são seios!

— Estúpido! Isso só é óptimo!

* * *

Mulher e mulher:

— Não filhos? As pessoas que vêm muito mal falam!

— Pois falam fofas com muito carinho!

— Era melhor falar com mais respeito mantendo...

* * *

Ela: Não quero desafiar as pessoas, entenda! Quero um marido que seja um herói!

Hero: Para que, para quê?

* * *

Os amigos: Vamos juntar os amigos da vida, que é o que é de vida...

* * *

LEONARDO DE CASTRO



— Que diz ao «foot-ball» dos portugueses?
— Ora o que quere você que em diga? Bolas! Bolas e mais bolas...

Os sentimentos da D. Engenharia, que estavam ainda em muito bom estado, porque apenas há 6 haviam dado um mês antes, travaram batalha com a audácia do manifeste que, não respeitando o seu defunto patrão, que olhava para elle com uns olhos de severidade em forma de retrato ampliado que havia na loja, tratou de ir apertando o cérco cada vez mais. Passados seis meses, já os sentimentos e o seu estavam deitados para trás das costas, e o nosso caixeiros entrava mais tarde na loja, e com cara de quem comia melhor, éle que toda a vida comera em casa do patrão. A visinha murmurava, o galego da

O TIO DA SENHORA

Episodio tragi-comico

A cena passa-se na saleta de Madame Queiroz, uma senhora de avançados bens pacatos, gordas e anafadas, com um bigodinho negro a enfeitar-lhe a face bolachada.

MADAME QUEIROZ admite, nesse momento, sua criada, a Joaquina, quem é que lhe chamar.

SCENA I

JOAQUINA entrando: Minha senhora...

MADAME QUEIROZ Entre, rapariga! Esta contente com a casa? Cheguei para aqui... Quero fazer-lhe certas perguntas... Compreende, preciso saber quem temos em casa...

JOAQUINA Eu sou uma rapariga honesta... Nunca tive conversas... Não gosto dos homens...

MADAME QUEIROZ (com admiração) Não gosta dos homens? que blasfemaria! De que gosta você então?

JOAQUINA (com o ar mais natural do mundo) Gosto das patetas e basta!

MADAME QUEIROZ — Mulher, quer, você não diga isso, porque a gente tem de tomar a serio...

JOAQUINA — Pois é mesmo a senhora que eu gosto delas... quando me tratam mal, está bem de ver... Na ultima vez que fui a talvez uns dois anos, dei-me muito bem com a patota...

MADAME QUEIROZ — E quem era ela?

JOAQUINA — Não sei bem... Lá se prendeu, chamavam-lhe mundana... Isto é nome, minha senhora?

MADAME QUEIROZ (rindo) — E nome... é protissão!... (com desdém) Conte lá coisas... Coisa que ela é! (atenção) Sento-me e conte. São três horas, há muito tempo de ir a jantar... se o seu marido vier hoje...

JOAQUINA sentando-se — Que vida regalada!... Não calcula... Nenhuma havia obrigação de fazer o tanto... Levantava-me ao meio dia... Todas as noites teatro ou cinema... Rica vida, minha senhora...

MADAME QUEIROZ — Rica vida, não havia dúvida...

JOAQUINA — A patota tinha um tio em Lisboa...

MADAME QUEIROZ — Ela tinha um tio em Lisboa... E era amado!

JOAQUINA — Muito amado... Pensei-lhe tudo que ela queria... boles, vestidos, casacos... de veludo... Ricas e más rapunzelas... Vivia com quasi todas as cardas... Beijava muito a solitária, abraçava-a, e assim fizesse no verão... Era uma brincadeira!... daí a turba... Depois... fechava-se num canto e ali estavam horas e horas... a conversar... a fazer sombra um ao outro... Eram muito amigos, como velhos...

MADAME QUEIROZ — Deviam ser... Diga-me caro! tal tio era casado?

JOAQUINA — Era... Mas, não sei por que razão, há nunca lhe apetecido...

MADAME QUEIROZ — Percebo, percebo... Pobre mulher... E depois?

JOAQUINA — Logo que o tio se foi embora, chegava o mano da senhora...

MADAME QUEIROZ — Também tinha um mano?

JOAQUINA — Também... Ao contrário do tio Sequeira, o mano Pau-lio era um lindo rapaz, alto, louro, de olhos azuis, mesmo muito lindo... Estava desempregado... E era a senhora que o auxiliava, dando-lhe dinheiro que pedia ao tio... O que, segundo dizia a senhora, não sabia da existência daquele irmão, pagava tudo... Era o que se chama uma boa posse... A senho-

ra tinha uma verdadeira paixão pelo m. no... Assim que ele entrava, saltava-lhe ao pescoço, beijava-o afetuosamente e lhe levava para a saleta para conversar... Não faziam cocegas, não... estavam nus... só caladinhos na conversa...

MADAME QUEIROZ (indignada) — Mas o sr. Sequeira não sabia disso... Pagava tudo e não desconfiava de que a sua sobrinha tinha um... irmão?

JOAQUINA — O velhote, o Sequeira, era um pobre diabo... Pagava tudo desde que a sobrinha lhe desse um beijinho... Muitas vezes dizia: «Minha mulher pediu-me um chapéu. Fiz uma grande zaramata em casa e não li o deu; venho cada vez pedes-me um casaco que eu sei uma fortuna e eu arranje o dinheiro seja lá onde for e ofereço-to, se a minha mulher souber...»

MADAME QUEIROZ — Ia-me tem acontecido isso... O meu marido, também e de qualidade de zai, agarrar quando lhe peca qualquer coisa... É um inferno... Quem se atreve a dizer alguma sobrinha...

JOAQUINA (com ingenuidade) — Quem sabe... (pausa breve), mas olhe que o Sequeira, apesar de ser velhote e pobre diabo, era maroto...

MADAME QUEIROZ (curiosa) — Sim... Então foi por causa dele que você deixou a casa?

JOAQUINA — Foi, sim, minha senhora... O maroto do velho também, um dia, no corredor, se abraçou a mim e me disse: «Queres unhas meias de sêda?». Eu, é claro, respondi logo: «Quero, sim, senhor Sequeira!». E o maroto, tornou a abraçar-me, apertou-me muito, deu-me um beijo no queixo (porque eu não deixei dar na boca) e segredou-me ao ouvido: «Dou-te as meias, minha linda, mas tu prometes que serás eu a calçá-las!». Maroto do velho!

MADAME QUEIROZ — Maroto!... E a pobre mulher a passar necessidades para o adulterio andar a fazer essas figuras em casa das mundanais... Se fosse comigo, essa marota esse marido infiel...

SCENA II

OS PAESSES E O SR. QUEIROZ — Oute-se bater de fora, Madame Queiroz! fati sinal a Joaquina e esta terá que se e vai abrir a porta.

O SENHOR QUEIROZ — para sua esposa: Estou farto de chamar por ti... Hoje não janto em casa... Tenho sede na Companhia...

Joaquina — Peço desculpa como a velha da parede ao encarar com Queiroz, que, ao ver a criada, se tornou triste.

MADAME QUEIROZ — Mas que é isto? Que houve? Que tens, homem?

JOAQUINA — (alegre e galhofeiro) — Entro por aqui, senhor Sequeira?... Quem havia de dizer... O senhor Sequeira aqui!

MADAME QUEIROZ — (depois de ter dado sete ducias de berengas) — Então era este o maroto do velho que te queria dar meias, que fazia coergas a «sobrinha» e sustentava o vadio do «irmão»?

JOAQUINA — Era este! Era este mesmo, em carne e ossos!

MADAME QUEIROZ — Vermelha com um tomate, cabelos desgrenhados, horrorosamente feia, recia dois passos. Depois, toma balanço e atira-se ao pescoço do marido! — Malandro! Malandro!... Eu jurei que esganava o tal Sequeira...

O pano cai bruscamente. Não se sabe se o velhote escapou das garrafas aduncas de Madame Queiroz.

PINTA A MANTA.

A ultima aventura do Andrade

O Andrade Antonio Abel Lopes Andrade, timido com as mulheres, falava delas com grande desenvoltura sempre que o seu auditório se compunha, exclusivamente, de homens...

Mestre consumado na arte de seduzir mulheres, julgava-se no dever de aconselhar os menos experientes, inconfiando-lhe a sua grande sabedoria. Para isso nada havia, em sua ideia, mais eficaz que a narração das suas aventuras, a última das quais, talvez a melhor de todas, nos referiu deste modo:

— O meu amigo Tinalhas e eu, somos hóspedes de D. Rita Vilaverde, encarquilhada viúva do calceiro viajante que, ha 10 anos, segundo ele confessou com orgulho, alcançou o primeiro prêmio num concurso de valsas do Club Recreativo Lusitano.

A sua casa, a mais soezada da travessa das Almas, foi o mês passado perturbada pela presença de uma rapariga que agradou a viúva por não ter regateado o preço da pensão, e a mim e ao Tinalhas por os olhos, muito grandes e negros, por sua esperteza e ainda por ter cometido a gentileza de deixar ficar no Brasil a razão sentimental e financeira da sua existência.

Fizemos-lhe a corte, ao mesmo tempo. Eu, psicólogo, experimentado, tratei-a com as maiores atenções, cumulei-a de gentilezas e não praticuei a tíbia de a irritar com qualquer atrevimento. O Tinalhas, que apesar de ser meu amigo, não deixava de ser uma grandíssima besta, dizia a rapariga cada gracejo capaz de fazer corar um caraço-ro. E não se levava pelos graciosos...

A rapariga, enfadada, chegar a dizer-lhe:

— Se o senhor fosse correcto e delicado como o seu amigo Andrade...

E o Tinalhas, sempre grosseirão:

— Mas não sou... ora ai escuta...

Dias depois, ela dizia-me, com uma voz encantadora a vibrar de indignação:

— Esta manhã, o seu amigo apa-

nhou-me no corredor, sem dizer palavra, abraçou-me. Olhei-o com incontida indignação, que ele disse, nervosamente:

— Por tudo lhe peço que não me torne a olhar assim!

Enraivecida, não lhe fiz a vontade. E olhei-o com mais indignação. Não lhe digo nada; atirou-se a mim aos beijos... só parecia um deido...

E come a raiva-me manifestado a intenção de abandonar a casa e recorrer ao auxílio d'um irmão para aplicar severo correctivo ao Tinalhas, procurei salvar o meu amigo. E disse-lhe que ele andava apaixonado por ela a tal ponto, que essa desorientação sem afigurava desculpas. Para convencer, contei-lhe que o Tinalhas, pela primeira vez na sua vida, se metera a trabalhar na fábrica, onde nunca punha os pés.

E para esquecer — explicava, com ars de suicida, ao chefe e aos colegas que o fitavam assombrados. No dia seguinte, o Tinalhas entrou pelo meu quarto, radiante de alegria:

— Segui o seu conselho. Pedi-lhe desculpa. Ele perdoou-me e fez-me, a certa altura, esta estranha pergunta:

— Ha quantos anos é funcionário?

— Ha 15 — volvi.

Esta resposta teve o efeito d'um conviver; os seus olhos marearam-se de lágrimas e, por fim, caiu desfalecido, em meus braços. Até se deixou beijar, sem protestos.

E, como eu o fizasse com curiosidade:

— Sabes o que ela me disse e está madrugada?

— O seu amigo sabe o que são mulheres. Se não fosse ele não estava agora, aqui...

E o Andrade acrescentou, triunfante para os seus ouvintes:

— E digam agora que eu não sou lidar com mulheres...

CRISTIANO LIMA



— Não se apoquente Com o calor que está até é bom dormir ao ar livre. Olhe, e durmo sempre com a janela aberta.

ELOS DA SEMANA

ESTÁ PROVADO, QUE AFINAL O "BERRIO" NÃO É UM REBOCADOR MAS SIM UM SUBMARINO DE ALTO-MAR COMPLETO.

A ESTAS HORAS JÁ AS BANANEIRAS DÃO SOMBRA A NÓSSA (SALVO SEJA) MISÉRÍVEL PORTUGAL. —



VENHO UN POCO DO OUTRO
GATO A DEITAR A ESCADA
PARA A BEIJAR

LIGA NOS OCULOS DOPPS CIVIS
CONCELEM AS AULAS PRATICAS
ACONSELHA-SE AOS TRANSEUNTES
"USO SO PARA QUEDAS FIXE."



PARA

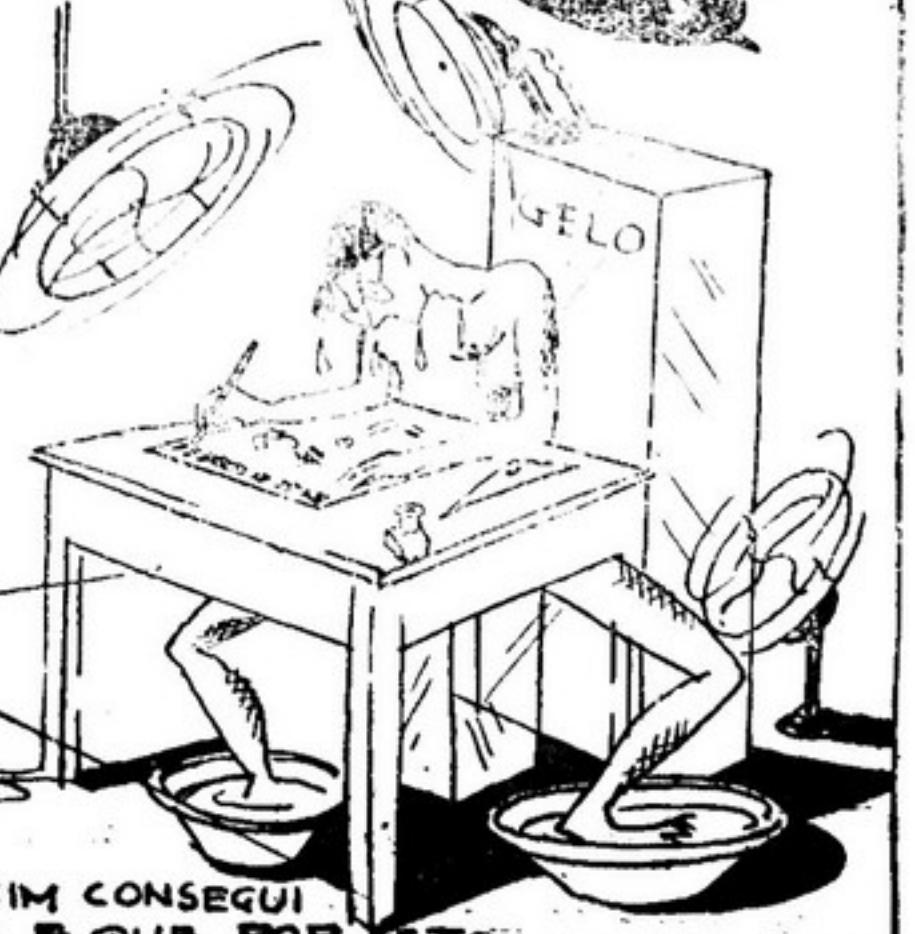
O FIM DE SONHO A "FESTA" PEDEM-SE
GATAS BEM BRAVAS E FOTOGÉNICAS — O AR-
GUMENTO NÃO É DO ZANTAS, NEM DO FASSTO, NEM
MEU. CARTA A BOTELHO COM CONDIÇÕES



ESTÁ DECIDIDO!
MILITARES CIVIS
ESTUDANTES E
GATOS NINGUEM
QUER FICAR SEM AS SUAS
RICAS OVARINHAS !!!



SÓ ASSIM CONSEGUEI
FAZER OS ECOOS E QUE POR FATO
SAIRAM... "FRESCOS"



BOTELHO XXX